



## **A produção audiovisual brasileira sob os vieses de gênero e raça**

**Conceição de Maria Ferreira Silva (Ceixa Ferreira) Pesquisador (PQ)\***

**conceicao.silva@ueg.br**

Universidade Estadual de Goiás (UEG) Unidade Universitária Goiânia Laranjeiras: R. Prof. Alfredo de Castro, 9175 – Parque das Laranjeiras, Goiânia – GO, 74855 – 130.

**Resumo:** Este trabalho apresenta os resultados parciais do projeto de pesquisa “Mulheres no Audiovisual Brasileiro: articulações entre a representação e a produção”, que visa analisar a participação feminina no cinema e no audiovisual nacional no período de 2009 a 2019, considerando tanto as representações audiovisuais, quanto a atuação das mulheres na esfera da produção cinematográfica. Em comum, tais instâncias reproduzem as desigualdades sociais, mas também tem feito emergir negociações, deslocamentos e contra-narrativas. Dessa forma, a partir da mostra “Diretoras Negras no Cinema Brasileiro”, realizada em 2017, este trabalho investiga a produção audiovisual brasileira, a partir dos vieses de gênero e raça, bem como evidencia as mulheres negras na direção e na curadoria cinematográfica.

**Palavras-chave:** Cinema brasileiro. Gênero e raça. Mulheres negras. Direção. Curadoria.

### **Introdução**

Diante dessa estreita relação entre os sistemas representação e os processos de construção de identidades, é necessário analisar a natureza discursiva do cinema e do audiovisual, que segundo Lauretis (1994) atuam como uma tecnologia de gênero, visto que, as imagens de heróis valentes e charmosos, mães devotadas, amantes devassas, esposas exemplares e mocinhas sonhadoras oferecem representações diferenciadas para homens e mulheres, ou seja, atuam como “uma fonte profunda e muitas vezes não percebida de pedagogia cultural” (KELLNER, 2001, p. 10).

Por meio dos códigos e convenções que regem a construção da narrativa, dos enquadramentos, do figurino, da trilha sonora e dos personagens são veiculadas nas obras audiovisuais, noções de feminilidade, beleza, sucesso e masculinidade, indicando condutas legítimas e desviantes, assim como idealizando desigualdades sociais, raciais e de gênero vigentes, mas que incidem como normas e regimes de verdade nos processos de subjetivação dos indivíduos.

Nesse sentido, compreende-se a centralidade do cinema e do audiovisual brasileiro na construção e difusão de representações sobre a sociedade brasileira, instâncias nas quais historicamente predomina segundo Araújo (2008), a persistência





de um padrão estético branco, que é também masculino, pois 71% do total de personagens dos filmes nacionais de maior público lançados de 1995 a 2014 são homens, conforme constatam Candido, Campos e Feres Júnior (2016).

Além disso, ao utilizar uma perspectiva integrada de gênero e raça, tais autores salientam que a posição de protagonista é comumente ocupada por mulheres brancas, enquanto as negras além de terem uma participação limitada nos elencos principais e nos diálogos centrais, muitas vezes sequer são nomeadas, mas frequentemente são circunscritas à hipersexualização e a atividades e lugares de fala subalternos, como favelas, periferias, prisões e subempregos. Este último aspecto também é recorrente na representação de homens negros, que somam 43% nos papéis de criminosos, ao passo que homens brancos são apenas 15%, de acordo com os referidos autores.

Também uma pesquisa da Agência Nacional de Cinema (Ancine), divulgada em 2018 aponta que 97,2% dos 142 longas-metragens brasileiros lançados no ano de 2016 foram dirigidos por pessoas brancas (19,7% de mulheres e 75,4% de homens), enquanto homens negros dirigiram apenas 2,1% dos filmes e as mulheres negras estão completamente excluídas da direção cinematográfica nesse ano (BRASIL, 2018). Logo, predomina na produção cinematográfica nacional um ponto de vista branco e masculino, o que confirma a função política do cinema brasileiro na construção e difusão de regimes de visibilidade racializados.

Embora tal cenário ainda seja preponderante, alguns sinais de mudanças têm emergido nos últimos anos, especialmente no cinema de curta metragem, no qual se destaca a perspectiva das mulheres negras na criação das narrativas audiovisuais, por meio das quais tecem estratégias de pertencimento e afeto. Tais aspectos foram o foco da mostra “Diretoras Negras no Cinema Brasileiro”, realizada em 2017, na Caixa Cultural de Brasília e do Rio de Janeiro.

## Material e Métodos

Metodologicamente, este trabalho ancora-se em revisão bibliográfica e na análise audiovisual da vinheta de divulgação da Mostra. De maneira complementar





também são considerados outros materiais como a programação e o catálogo, por meio dos quais investigar a atuação de mulheres negras na construção de novas práticas e representações fílmicas (FERREIRA, SOUZA, 2017), como formas de subversão às assimetrias de gênero e raça existentes na produção cinematográfica nacional e nas relações sociais.

## Resultados e Discussão

Com curadoria de Kênia Freitas e Paulo Ricardo de Almeida, a Mostra “Diretoras Negras no Cinema Brasileiro” foi realizada de 04 a 11 de julho na Caixa Cultural de Brasília e de 05 a 17 de dezembro no Rio de Janeiro. Foram exibidos 46 filmes, entre longas, médias e curtas-metragens de jovens cineastas de diversas regiões do país, como por exemplo, Keila Serruya (AM), Juliana Vicente (SP), Flora Egécia (DF), Tainá Rei (RJ) e Everlane Morais (BA).

O barateamento dos equipamentos e principalmente, as políticas públicas, com mecanismo federais e estaduais de fomento ao cinema são fatores que de acordo com os curadores possibilitaram às mulheres negras utilizar o cinema como espaço para expressar suas demandas, experiências e histórias de vida. Nesse sentido, Souza (2020), salienta que:

Se a representação da imagem da mulher negra no cinema e na sociedade historicamente esteve presa a preconceitos e estereótipos, nota-se que quando as mulheres assumem o comando na produção de cinema elas exercitam a possibilidade de novos olhares e concepções, desde a estética e a linguagem a outros fatores, mais subjetivos, como identidades e representações. Tais trabalhos recusam estereótipos e, portanto, têm possibilitado leitura afetiva, política, geográfica, além de propiciar novas visões de mundo que enfatizam que o cinema pode ser entendido como espaço de manifestação, culturas e identidades, expressões e cidadania. (SOUZA, 2020, p.184-185)

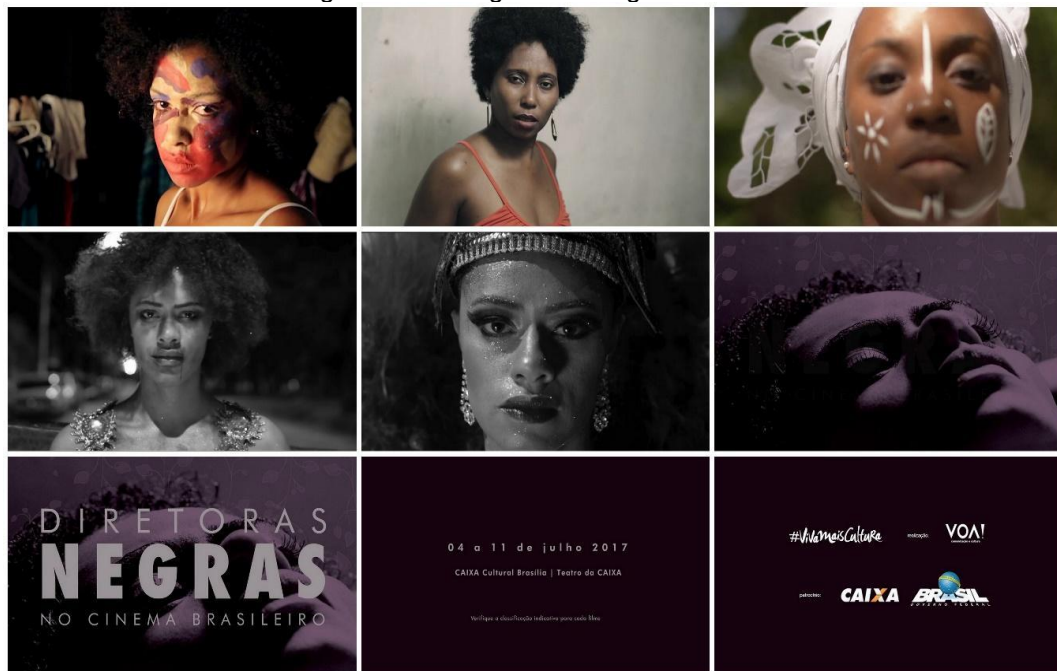
Mesas e debates com as diretoras integraram a programação da mostra, que em seu catálogo apresentou entrevistas e textos da curadoria, de realizadoras e pesquisadoras negras. Em consonância com a essa proposta de visibilizar o protagonismo de mulheres negras, a vinheta de divulgação (Fig.1), juntamente com a trilha sonora de uma cantiga de lemanjá (divindade feminina afro-brasileira





considerada a grande mãe, a rainha do mar e assim também sinônimo de autoridade feminina), utiliza trechos de filmes como *Cinzas* (Larissa Fulana de Tal, BA) e *Rainha* (Sabrina Fidalgo, RJ), especialmente cenas em que as protagonistas, no centro do quadro, como seus rostos em destaque, olham para a câmera. Tal gesto quebra a chamada “quarta parede”, convenção originária do teatro também usado na linguagem cinematográfica para designar a barreira invisível que separa espectadores/as do universo ficcional representado no filme. Isso significa ainda uma ruptura dos códigos do cinema narrativo clássico capazes de mascarar suas estratégias de enunciação e orientar o olhar de quem assiste para se identificar com aquela história, que parece se contar sozinha (BORDWELL, THOMPSON, 2013).

Figura 1 – Protagonismo negro feminino



Fonte: Frames da vinheta da Mostra Diretoras Negras no Cinema Brasileiro

A vinheta e também os filmes utilizados se contrapõem ao tratamento subalterno imposto às mulheres negras na produção cinematográfica nacional, pois quando essas personagens femininas negras olham e de maneira ativa interpelam quem assiste, elas reconhecem a presença de espectadores/as e assumem a posição de sujeito, de protagonismo historicamente negada. Em entrevista ao site Buala, a





curadora Kênia Freitas também aponta tais assimetrias, mas ressalta as novas formas de fazer e divulgar cinema empreendidas por diretoras negras:

Falar das trajetórias das mulheres negras no cinema brasileiro é remontar uma história de invisibilidade e apagamentos. Até por isso, o que é impactante na produção atual é a sua coletividade e a pluralidade de projetos e obras. Uma série de iniciativas das próprias cineastas marcam esse cenário de transformação e afirmação, propondo novas formas de viabilizar e divulgar o cinema feito pelas mulheres negras. Entre tantas, podemos destacar: a plataforma de exibição online Afroflix ([www.afroflix.com.br/](http://www.afroflix.com.br/)), criada por Yasmin Thayná, e a *websérie Empoderadas*, criada e dirigida por Renata Martins, que se desdobrou em encontro e festival de cinema feminino negro. (BUALA, s/p, 2017).

A mostra “Diretoras Negras no Cinema Brasileiro” também destacou Adélia Sampaio, considerada a primeira cineasta negra brasileira, que inicia sua carreira nos anos de 1970, atuando em várias funções como roteirista e produtora, dirige curtas e em 1984 lança o longa-metragem *Amor Maldito* (1984), o primeiro filme brasileiro de temática lésbica. Além da diversidade de formatos, linguagens e práticas fílmicas, assim como formas de representação das narrativas e experiências das mulheres negras, esse reconhecimento do pioneirismo de Adelia Sampaio é também uma estratégia de ressignificar, reescrever a história do cinema brasileiro.

A partir do reconhecimento da importância do cinema de Adélia Sampaio, muitas mulheres negras consolidam o cinema como um movimento coletivo. Seus filmes, temas e narrativas têm em comum o desenvolvimento da territorialidade e da ancestralidade como prática cultural que se firma nos encontros, mostras, festivais, debates, exibições em cineclubes, homenagens, entre tantos e consecutivos eventos. Elas trazem para o centro do debate interlocuções que consolidam o cinema negro no feminino (SOUZA, 2020, p.184).

A exibição dos curtas *Gurufim na Mangueira* (2000) e *Cinema de Preto* (2004), da cineasta Dandara, bem como a publicação de uma entrevista concedida à pesquisadora Janaína Oliveira no catálogo da Mostra nos possibilitam conhecer um pouco mais sobre essa realizadora, que iniciou sua carreira na década de 1990 e embora tenha sido contemporânea dos movimentos Dogma Feijoadá (1999) e Manifesto do Recife (2001)<sup>1</sup>, não participou de tais iniciativas e pontua que “ambos os

---

<sup>1</sup> Tais movimentos foram realizados pelos cineastas Jeferson De, Joel Zito Araújo, Luiz Antonio Pillar, entre outros, além de atores e atrizes como forma de reivindicar novas formas de representação e







movimentos falharam em tratar questões de gênero, e não apresentaram lideranças femininas” (DANDDARA, 2019, p.76). Isso corrobora a importância do “Cinema Negro no Feminino”, definição que segundo Edileuza Penha de Souza (2020),

[...] floresce da territorialidade, possibilita recriar os espaços-território do racismo e da heteronormatividade. Na territorialidade estão firmados os princípios de coletividade e de comunalidade. É a territorialidade que redimensiona o fazer cinema. No reduto do cinema negro feminino, as diretoras negras trazem para seus filmes os ensinamentos ancestrais, demonstram que a territorialidade do fazer cinema é demarcada pelo respeito às experiências de vida da comunidade onde estão inseridas. Seus filmes irradiam o reconhecimento de domínio das técnicas; representam cultura e mundo dos valores ancestrais em que a comunicação, em diferentes circunstâncias, legitima e edifica um conjunto de informações e emoções trazidas pela diversidade; um território onde cada cineasta se constitui como ícone de empoderamento” (SOUZA, 2017, p.13)

### Considerações Finais

Assim como outros eventos realizados também em 2017, como o “1º Encontro Nacional Empoderadas: Mulheres Negras no Audiovisual” e o “I Encontro de Cineastas e Produtoras Negras/1ª Mostra Competitiva de Cinema Negro Adelia Sampaio”, a mostra “Diretoras Negras no Cinema Brasileiro”, a mostra “Diretoras Negras no Cinema Brasileiro”, ressalta o exercício político de mulheres negras, que por meio da direção e da curadoria cinematográfica criam espaços de visibilidade e de resistência capazes de evidenciar a pluralidade do cinema e do audiovisual que representa e humaniza as subjetividades e vozes da população negra.

### Referências

BRASIL, Agência Nacional do Cinema (ANCINE). **Diversidade de Gênero e Raça nos Longas-metragens Brasileiros Lançados em Salas de Exibição 2016**. Rio de Janeiro, RJ: Ancine - Agência Nacional do Cinema, 2018, 27 p.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema: uma introdução**. Tradução de Roberta Gregoli. Campinas: Ed. Unicamp; São Paulo: Edusp, 2013.

---

também questionar a participação limitada de profissionais negros/as na produção cinematográfica nacional (CARVALHO, 2005).





CANDIDO, Marcia. R.C. et al. A Cara do Cinema Nacional: gênero e raça nos filmes nacionais de maior público (1995-2014). **Textos para discussão GEMAA**. Rio de Janeiro, n.13, p.1-20, 2016. Disponível em: < <http://gema.iesp.uerj.br/textos-para-discussao/tpd13/>>. Acesso em: 07 jul. 2019.

CARVALHO, Noel. Esboço para uma história do negro no cinema brasileiro. In: DE, Jeferson (Org.). **Dogma Feijoadá: o Cinema Negro brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005b. p. 17-101. v. 1.

DANDDARA. Entrevista concedida à Janaína Oliveira. Catálogo Mostra Diretoras **Negras no Cinema Brasileiro**, 2017, p. 71-81.

DIRETORAS NEGRAS DO CINEMA BRASILEIRO. **Site Buala**, 27/11/2017. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/afroscreen/diretoras-negras-do-cinema-brasileiro>>. Acesso em 17 jul.2019.

FERREIRA, Ceiza; SOUZA, Edileuza Penha de. Formas de Visibilidade e (re)existência no Cinema de Mulheres Negras. In: HOLANDA, Karla; TEDESCO, Mariana Cavalcanti. (Orgs). **Feminino e Plural: mulheres no cinema brasileiro**. 1. ed. Campinas, SP: Papirus, 2017, p.175-176.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais – identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: Edusc, 2001.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa B. de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

SOUZA, Edileuza Penha de. Mulheres negras na construção de um cinema negro no feminino. **Aniki - Revista Portuguesa da Imagem em Movimento**, v. 7, n. 1, p. 171-188, 2020.

\_\_\_\_\_. Diretoras Negras: Construindo um cinema de identidades e afeto. FREITAS, Kênia (org.) In: **Catálogo Mostra Diretoras Negras no Cinema Brasileiro**, 2017, p. 11-17.

\_\_\_\_\_. Ancestralidade e Memória na animação Órun Áiyé – O cinema negro feminino e as tessituras da identidade. In: **AVANCA: Edições Cine-Clube de Avanca**, 2017, p.31-41.

